

Uma escritora famosa conta uma história verdadeira que nem ela nem o leitor jamais esquecerão

“Entre, Mary”

Condensado de
THIS WEEK MAGAZINE

PEARL S. BUCK



CADA ANO traz suas próprias recordações e alegrias, e esta é a história de uma alegria especial do ano passado. É a história de um novo começo, de uma jovem noiva com uma grinalda nos cabelos escuros. Mary não é o seu nome, mas podia bem ser.

Será possível que já se passaram 14 anos desde que a vi pela primeira vez? Sim, porque ela tinha então oito anos. Soube que ela existia por uma carta que chegou pelo correio da manhã. Falava numa criança esquecida por todos. Estava num abrigo onde se recebiam crianças temporariamente, quando os pais não po-

diam cuidar delas. Crianças chegavam e partiam, mas Mary ficava. Por algum motivo, sua ficha se havia perdido no correr dos anos, depois que ela fôra deixada na instituição. Ninguém sabia ao certo quem ela era, mas parecia ter sangue oriental. Nunca falava, de modo que devia ser mentalmente retardada. Poderia Welcome House aceitá-la? Welcome House é uma agência de adoções que eu ajudara a fundar alguns anos antes.

Não havia nada de extraordinário nessa carta, com exceção de uma coisa—a criança não falava, e era mentalmente retardada. Respondi la-

mentando que a nossa agência, por ser apenas de adoções, não tivesse recursos para atender ao caso de Mary, mas dizendo que se eu mesma pudesse encontrar onde colocá-la, com outras crianças retardadas, o faria. Pus a carta no correio e tentei esquecer a garotinha que todos os outros haviam esquecido.

No meio da noite acordei. Compreendi imediatamente porquê. Fui acordada por uma pergunta: *Como sabia eu que Mary era mentalmente retardada?* Eu não a vira. O pessoal da instituição era boa gente, mas estavam todos sempre muito ocupados, e talvez ninguém se tivesse dado ao trabalho de descobrir exatamente como Mary era. Eu tinha de descobrir. Levantei-me da cama e escrevi uma carta. Queria eu mesma ver Mary. E pedia que me mandassem a menina por alguns meses.

Dentro de poucos dias vi à minha porta uma simpática senhora de meia-idade, acompanhada de uma menina pequena e magrinha, trazendo na mão uma bolsinha vermelha, barata, mas nova.

PEARL S. BUCK, a mais ilustre escritora dos Estados Unidos, detentora dos prêmios Nobel e Pulitzer, tem dedicado toda a sua vida às crianças, principalmente "crianças perdidas"—órfãs, incapacitadas, filhas de pais de origens diferentes. Criou nove filhos adotivos, além de seus próprios filhos. Em 1949, fundou "Welcome House", uma instituição que procura novos lares para órfãos de origem asiático-americana. Sua mais recente atividade filantrópica é a Fundação Pearl S. Buck. (P. O. Box 2137, Philadelphia, Pennsylvania, 19013, U.S.A.), que se dedica a salvar crianças deixadas em outras terras por soldados americanos.

—*Entrem*—disse eu.—*Entre Mary.*

Mary ficou parada, pacientemente, enquanto a mulher lhe tirava o casaco e o chapéu. Não levantou os olhos, continuou parada, esperando, agarrada à bolsa vermelha, até que a mulher a empurrou delicadamente em direção a uma cadeira.

—Ela é sempre assim—disse a mulher.—Não se mexe, não fala.

—A senhora tem mais alguma informação que me possa dar sobre ela?

—Não. Ela é assim mesmo. Não faz nada a não ser que alguém a obri-gue.

Mary não estava fazendo nada naquele momento. Continuava sentada, muito quieta, sem levantar os olhos e sem parecer notar onde se encontrava.

A mulher levantou-se, dizendo:

—Se tiver alguma dificuldade, avise-nos.

—Não haverá dificuldade nenhuma—respon-di.

Foi assim que começou. Não sei o que dizer das semanas que se seguiram. Falávamos com Mary como se ela estivesse acostumada a falar. Felizmente havia uma ninhada de gatinhos no palheiro, e ela começou a rir quando brincava com êles. Eu a deixava andar por onde bem entendia, e ela aprendeu a balançar-se embaixo da noqueira grande. Ela carregava a sua bolsa vermelha para onde ia. O primeiro sinal de esperança foi quando um dia, finalmente, ela a deixou no quarto. Seguiram-se outros dias satisfatórios. Ela corria pelos prados, deixou de ter medo

das vacas, deixou de esconder-se quando chegava alguma visita, pois já sabia que isso não significava que a fôsem levar embora.

Passou-se um mês antes de ela começar a falar. E começou porque havia coisas que ela queria—uma laranja, uma boneca, um vestido bonito. Dentro de dois meses estava tagarelando, e nós resolvemos matriculá-la na escola. Encontramos uma professora compreensiva, que concordou em não insistir em fazê-la aprender a ler imediatamente, prontificando-se a esperar e deixar que Mary observasse as outras crianças. Ela aprendeu a participar de jogos antes de aprender a ler. Passados seis meses, não havia dúvidas a seu respeito. Levei-a a um psicólogo para que a submetesse a todos os testes.

—Ela não tem nada—disse êle.— É perfeitamente normal, mas sofreu um choque emocional. Poder-se-ia dizer que esta menina se perdeu de si mesma. Agora está-se encontrando. E tem ela mesma de se encontrar antes que outra pessoa possa fazê-lo.

Passou-se mais tempo ainda antes de resolvermos procurar pais adotivos para ela, pois nessa altura já tínhamos chegado à conclusão de que éramos muito velhos para servir-lhe de pais. Eu não podia deixar que ela fôsse para muito longe de mim. Tinha de ir para uma cidade próxima.

—Você precisa de um pai e uma mãe que sejam moços—disse-lhe eu.— Nós seremos seus avós.

Ela aceitou a idéia, depois de conhecer o jovem casal que a queria

e os seus dois filhos. Já tinha então plena confiança em si mesma, embora naquela última manhã pendessem algumas lágrimas dos seus cílios escuros. Eu fingi não ver.

—Amanhã você vem tomar banho de piscina conosco—disse-lhe eu.

Isso a fêz sorrir, pois ela acabava de aprender a nadar. Que direi dos anos seguintes? Mary precisava cada vez menos de nós, e isso nos alegrava, pois significava que ela já tinha uma família sua. De vez em quando, seus pais vinham fazer-me uma consulta, e ela corria para o palheiro, à caça de novos gatinhos. Nem tudo era fácil, diziam os pais de Mary. Ela era normal, mas teria de estudar muito. Chegaria à universidade? Talvez.

Enquanto isso, ela ia ficando bonita. Seus cabelos escuros se encaracolavam em volta do rosto e os olhos, que antes eram mortiços e distantes, tornaram-se brilhantes e cheios de vida. Tinha um corpo gracioso e um encanto envolvente. Creio que foi quando ela estava no ginásio que Jonathan começou a reparar nela. Era um rapaz alto, de uma inteligência brilhante, interessado em Ciência e Matemática. Tremíamos de medo, os pais e eu.

—Não deixem que ela se prenda a êle—suplicava eu.—Mary é ainda muito criança, e êle também. Não quero que ela seja magoada. Além do mais, a família dêle estará disposta a aceitá-la? Não poderíamos dizer-lhe quem ela é. Só sabemos o que ela é agora.

Os pais foram prudentes. Arranjaram as coisas de maneira que o rapaz não visse Mary com muita frequência. Ela andava, aliás, muito ocupada. Estava aprendendo a costurar e cozinhar. No verão, a família ia passar as férias fora, e ela ia travando conhecimento com outros rapazes. E, quando terminou o ginásio, foi mandada para uma escola de nível universitário.

Afinal de contas, todos os nossos receios eram infundados. Os dois voltavam um para o outro depois de cada separação. Jonathan terminou o curso universitário com distinção e começou a preparar-se para cursos de aperfeiçoamento, munido de profundas bôlsas de estudo. Mary foi bem sucedida num emprêgo durante dois anos. Afinal, os dois resolveram agir por conta própria. Lembro-me da noite em que vieram visitar-me, uma noite de inverno pouco antes do Natal, quando o chão estava coberto de neve e eu, sentada junto do fogo, na sala de estar, ouvia uma sinfonia de Brahms. Entraram de mãos dadas, as faces rosadas pelo frio.

—Mary e eu nos vamos casar— anunciou Jonathan.

Conversamos até que o fogo se fêz cinza, e como presente de Natal êle deu a ela um anel. Parti para passar alguns meses no estrangeiro, mas voltei às pressas para o casamento. Não podia faltar. Foi numa tarde quente, em junho. Fomos para a

igrejinha onde Mary tinha sido batizada, e deram-me um lugar de honra na frente. A igreja se encheu silenciosamente. Soou a marcha nupcial. Pusemo-nos de pé. O jovem noivo estava à espera com o padrinho, que era o irmão adotivo de Mary.

Voltei-me de onde estava. As quatro damas de honra vinham na frente e a primeira delas era a irmã adotiva de Mary, vestida de tafetá verde. Atrás de todos os outros vinha ela, vestida de cetim branco, véu de renda e flôres, a mão no braço do pai e a fisionomia radiosa de alegria e beleza. As lágrimas me vêm aos olhos agora, como naquele dia. Não são lágrimas sentimentais. Eram, e são, lágrimas de alegria e plenitude. Lembro-me da carinha da criança, há tantos anos, a criança que nada tinha a esperar, a criança perdida, e vejo-a agora transfigurada pelo amor e pela confiança.

Houve um remate para aquêle dia perfeito. Quando a cerimônia acabou, quando ela era espôsa de Jonathan e os dois desceram a nave quase correndo, a mãe de Jonathan atravessou a igreja e segurou minha mão, dizendo:

—Quero que a senhora saiba que consideramos uma honra receber Mary em nossa família. Nós gostamos muito dela.

Mary sabia afinal quem era. E o mesmo podíamos dizer todos nós.

